

Mediação online : origens e perspectivas a partir da experiência com a astrologia na internet¹

Daniela Osvald Ramos²

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo: Procuramos identificar neste artigo as raízes históricas do saber dito “popular” e sua ligação com a literatura acadêmica, principalmente na obra do autor italiano Carlo Ginzburg; através desta linha, é traçada uma breve hipótese das causas da presença constante de conteúdos esotéricos na mídia. Também é trabalhado o conceito de “mediação” e “mediação online” e, a partir de pesquisa empírica realizada em um site de serviços astrológicos por ocasião da dissertação de mestrado da autora, explora-se as expectativas dos usuários em relação ao uso do serviço mediado pela internet e não por um astrólogo.

Palavras-chave: internet, mediação, astrologia, saber popular.

Introdução

Ainda é possível que cause estranheza, em pleno século XXI, com a ciência cada vez mais desenvolvida, a intensa procura por conteúdos “transcendentais”. Mas a popularidade dos assuntos classificados como esotéricos na mídia brasileira e o sucesso de nomes como Paulo Coelho e Mônica Buonfiglio não é obra da providência divina, mas um fenômeno que pode ser explicado pelas origens da cultura de massa e pela maneira do ser humano apreender os indícios da natureza. “*O massivo foi gerado lentamente a partir do popular*”, aponta Barbero:³ a cultura popular, baseada muitas vezes em um saber intuitivo, passou a ser conteúdo para os meios de comunicação e assim os conhecimentos rejeitados pela sociedade, como as manifestações do

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom.

² O artigo fez parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Astrologia online: um estudo da mediação tecnológica”, defendida em fevereiro de 2002 na Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes (USP/ECA), com orientação da Professora Doutora Maria Cristina Costa. A autora é docente de Webjornalismo da Universidade Anhembi Morumbi (onde edita o site experimental <http://www.anhembi.br/jornalismo>) e de Novas Tecnologias da Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, bem como de Sistemas Virtuais de Comunicação I e II na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalhou em vários portais de informação, especialmente na Editora Abril. Endereço eletrônico: dramos@uol.com.br

³ BARBERO, Jesús Martín. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 1998. Página 169.

pensamento mágico, continuaram a ser consumidos. Benzedeiros, curandeiros, cartomantes, clarividentes e astrólogos ainda são consultados, apesar do racionalismo e dos progressos da ciência, que se transformou em um guia para as explicações do mundo. Mas é no imaginário que as superstições e as fantasias sobre o futuro sobrevivem, e aí está o espaço da crença popular na Astrologia, que, como comprovam várias pesquisas,⁴ faz parte da cultura da modernidade.

Os primeiros Almanques, que circularam na Europa no século XV e foram a primeira forma popular de circulação da cultura escrita, nos mostram que a cultura popular continha um saber ligado intrinsecamente à observação da natureza e da percepção de indícios, como a fase da Lua que podia indicar as melhores épocas para a colheita. Esta maneira de interagir com o mundo é antiga e está ligada à necessidade de sobrevivência do homem ancestral em um ambiente não controlado por ele mesmo, mas numa floresta com predadores e condições hostis de vida, situação que levou ao desenvolvimento cognitivo de um método para a decifração de sinais – pegadas, movimentos de arbustos e outros indícios que poderiam ser a salvação ao invés do abate. Entendendo como decifrar os movimentos dos animais através de indícios deixados pelos mesmos, nossos ancestrais viram que poderiam ser beneficiados com esta associação, matando seu oponente e tendo maiores condições de sobrevivência por ser o caçador, não a vítima. A capacidade humana de ligar fatos a indícios iniciava um saber ligado ao seu instinto de manutenção da vida.

O historiador italiano Carlo Ginzburg⁵ localiza neste ponto as raízes do conhecimento de que o homem se utiliza desde a sua ancestralidade e que serviu de sustentação para a criação do que chama de “paradigma indiciário”, que serviria para balizar um método interpretativo próprio para as ciências humanas e que se apóia “em resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”.⁶ Essas são também as origens do que é identificado atualmente como “saber popular”, aquilo que determinada pessoa comprovou experimentando, como passar talco para tirar uma mancha de gordura na roupa ou o uso de plantas medicinais. Podemos entender esta relação empírica com os

⁴ Entre elas a mais notória é a obra de Edgar Morin e outros autores, datada de 1972 e intitulada O retorno dos astrólogos: diagnóstico sociológico. Lisboa, Moraes, 1972.

⁵ Utilizo aqui, além do conjunto da obra do autor, principalmente o capítulo “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”, do livro Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.

⁶ Idem, Ib. Página 149.

sinais da natureza como uma busca do homem em formular, manter e transformar o seu modo de entendimento do mundo.

A Astrologia, objeto desta pesquisa, também está ligada a um modo de percepção indiciário, tendo como base a observação de fatos astronômicos, que são as alterações vistas no céu e a correspondência destes com acontecimentos terrestres. A semelhança indiciária entre a Astrologia e o método interpretativo que Ginzburg propõe vai além: o pesquisador identifica as origens da sua teoria justamente entre os métodos divinatórios da civilização mesopotâmica, seio também do surgimento da Astrologia. Diz ele:

“(…) se se abandona o âmbito dos mitos e hipóteses pelo da história documentada, fica-se impressionado com as inegáveis analogias entre o paradigma venatório que delineamos e o paradigma implícito nos textos divinatórios mesopotâmicos, redigidos a partir do terceiro milênio a.C em diante. Ambos pressupõem o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador”.⁷

O paradigma venatório, que vem do hábito dos caçadores de coletar sinais, é definido como “(…) a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”.⁸ As conseqüências da prática desse conhecimento se ramificam em dois sentidos: a predição, voltada para o futuro, e a decifração, para o passado. A decifração se assemelha aos métodos usados pela medicina para o diagnóstico de doenças, como a anamnese, definida pelo dicionário Aurélio como “reminiscência, recordação”, ou “informação acerca do princípio e evolução duma doença até a primeira observação do médico” e na psicanálise, para a descoberta e solução de traumas esquecidos, através da técnica de associação de fragmentos de percepções do inconsciente aos acontecimentos da vida do paciente, o que determinaria padrões de comportamento, desenvolvida por Sigmund Freud e adaptada em várias linhas de psicanálise e psicologia ao longo do século XX. A predição se assemelha à Astrologia e a outras formas de leituras de sinais e símbolos, como a Quiromancia (leitura de mãos) e o Tarô. Nestes casos é preciso que um intermediário – médico, psicanalista ou astrólogo interprete os indícios e pistas para

⁷ Idem, Ib. Página 152

⁸ Idem, Ib. Página 152.

chegar a alguma conclusão. Com tecnologia da comunicação em rede, por motivos diversos, e principalmente pela facilidade do uso e acesso, o intermediário é substituído pela máquina. Neste caso, como é possível que essa mediação seja efetiva? O que os usuários procuram quando se dispõem a consultar um profissional que não está presente, mas um site que simula uma consulta? Para tentar responder estas questões é que desenvolveremos este artigo e apresentaremos a pesquisa empírica, realizada por ocasião da dissertação de mestrado da autora de 29 de junho a 10 de junho de 2001, com o retorno de 306 questionários respondidos em dez dias.

A mediação

“Intervenção, intercessão, intermédio”, “segundo a doutrina da Igreja Católica, função de Maria e dos Santos junto a Cristo ou a Deus”. Essas são algumas das definições do Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa para a palavra mediação, que é usada em vários sentidos no campo das pesquisas da comunicação. Na tradição católica, os santos ocupam um lugar privilegiado, pois são adorados por fiéis que comemoram seus dias sagrados, distribuem santinhos com orações e faixas de agradecimento a pedidos concedidos. Estas ações denotam o caráter negociador das representações de mediadores – no sentido que queremos usar nesta pesquisa –, que intercedem junto a Deus pelo destino do fiel.

Os santos tornaram-se populares com a religião católica, mas existe uma figura mitológica que irradia todas as qualidades e representações necessárias para entendermos a dinâmica da mediação: Mercúrio, para os romanos e Hermes, na Grécia, que encarna o mediador. Mercúrio é o primeiro planeta do nosso sistema solar e na Astrologia tornou-se o regente do signo de Gêmeos que, no simbolismo astrológico, é o signo que representa, entre outras coisas, a comunicação e as mediações. No Olimpo grego, morada dos deuses, Mercúrio era responsável pela entrega de mensagens e o único com capacidade para transitar livremente entre dois mundos que não podiam se comunicar diretamente e mantinham uma distância incomunicável entre si – o Olimpo, onde reinava Júpiter, e o Subterrâneo (ou Inferno), onde Hades (Plutão para os romanos) era o senhor. A origem deste dom está no mito de Mercúrio, que, recém-

nascido, foi posto em baixo de um salgueiro, “a árvore sagrada, que tinha raízes no mundo subterrâneo, a copa no reino divino e o tronco no mundo dos homens”.⁹

Mercúrio podia fazer esse caminho e estabelecer uma ponte, uma contínua passagem, relação dinâmica entre dois pontos de enunciação e a mediação ocorria, então, nesta triangulação: céu, terra e inferno. O deus, que é representado com asas nos pés, traduzindo a leveza do ar, utilizava a palavra como uma grande arma de diplomacia e era também o mensageiro das boas e más notícias. Sua habilidade de negociação lhe rendeu na Grécia arcaica o culto de ladrões e comerciantes, pessoas que em algumas ocasiões precisavam ser inspiradas pelo talento diplomático mercuriano. “Mensageiro por excelência, Hermes simboliza os meios de troca entre o Céu e a Terra, a mediação. Assegura a viagem, a passagem entre os mundos infernais, terrestres, celestes”.¹⁰ Daí apreendemos uma das faces da mediação, que não é imposta de cima para baixo arbitrariamente, mas negociada, desenvolvida através do contato humano, como fazem os intermediários – o pai de santo, que intercede junto aos orixás e os psicólogos que nos colocam em contato com a nossa subjetividade são alguns exemplos.

Exu é outra entidade mitológica, mas do Candomblé, religião afro-brasileira, que também possui traços do mediador mercuriano, carregando um duplo sentido que caminha entre o bem e o mal. Ele era um mensageiro que buscava uma solução para os infortúnios que afligiam a todos, homens, mulheres e os próprios orixás. Foi aconselhado, então, a ouvir todas as narrativas dos seres humanos e dos animais sobre diversas situações, por mais simples que parecessem ser. A intenção era recolher o maior número de informações para que os orixás pudessem resolver todos os problemas do mundo. Esse conhecimento foi passado por Exu para Orunmilá, ou Ifá, que por sua vez os transmitiu aos babalaôs ou pais do segredo,¹¹ e assim estes foram autorizados a jogar os búzios, o oráculo de acesso aos orixás, que responde ao interessado como este deve proceder para que seu problema seja resolvido. Exu é o mensageiro, então é ele quem leva aos orixás as dúvidas do homem que consulta os búzios e por isso pode cobrar do consulente, em um aviso que é transmitido também pelo babalaô, uma cota de sacrifício pelo seu trabalho. A entidade não identifica se o sacrifício causará a morte de

⁹ VILLAS-BOAS, Márcia. Olimpo, a saga dos Deuses. Editora Siciliano, São Paulo, 1994. Página 42.

¹⁰ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1998. Página 487.

¹¹ PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

algum animal e se isso será usado para um fim escuso ou não – ele apenas precisa do pagamento, sendo também um negociador. Este é o princípio da magia, quando um intermediário, no caso o babalaô, atua em dimensões invisíveis para conseguir o que o consulente deseja, prolongando a crença no poder dos desejos, que leva a tentativa de negociação junto aos deuses, aos mistérios, à fé.

A mediação é necessária para que a comunicação entre duas esferas, como no exemplo de o homem e os orixás, seja realizada. O intermediário é o terceiro elemento (o pai de santo) que negocia com a instância a que ele tem acesso (os orixás) para trazer respostas à pessoa que o consulta. O babalaô, por meio dos orixás, revela o futuro, o padre leva a confissão a Deus e traz a absolvição para o fiel e o astrólogo interpreta os astros para revelar o autoconhecimento que pode levar cada indivíduo a ter sucesso em várias áreas da vida e a superação das dificuldades. O padre, o babalaô e astrólogo conversam, explicam, negociam, com quem os consulta, há um contato humano e um caráter sagrado nesta relação – afinal, estas figuras entram em contato com o invisível e com o que está “acima” de nós – deuses e astros. Há também uma interpretação que depende do momento único do encontro entre duas pessoas – entre o astrólogo e o consulente, por exemplo, a comunicação entre ambos varia de acordo com inúmeros fatores – empatia, o tempo disponível para a conversa, a personalidade de cada um. O astrólogo interpreta uma situação, que é um dado objetivo, uma fotografia matemática do universo do instante em que a pessoa nasceu, o mapa astral, e a partir daí desenvolve a cosmologia individual do consulente a partir deste “marco zero”, o momento da origem, do nascimento.

Com a Internet, estas relações começaram a ganhar outros contornos, pois a rede está no lugar do astrólogo, no caso do mapa astral on-line, nosso objeto de pesquisa. A mediação é feita sem o contato humano, mas com o contato do usuário com a máquina. Como será possível o usuário do computador entabular uma negociação com o intermediário que escreveu as características da sua personalidade, no caso do mapa astral on-line? Como o sistema automatizado consegue dar conta de algo fundamental em uma atividade de diagnóstico: a busca de indícios e sinais? De alguma forma, isto é possível, através de e-mails, principalmente, mas é diferente daquilo que conhecíamos. Saber mais sobre essas relações é também entender as especificidades da Internet como um meio de comunicação entre os homens.

A mediação on-line

Na Internet, o intermediário não está presente: esconde-se atrás do computador na concepção deste sistema. Este também é o caso a reza on-line, as novenas, as missas, as consultas e testes psicológicos por e-mail ou em salas de bate-papo. Não só a Astrologia, mas também outras formas de mediação on-line são oferecidas na religião e na psicologia, como o site do Padre Marcelo no *Terra*, no qual diariamente, às sete horas da manhã, há um vídeo do sacerdote¹² rezando um terço bizantino. No endereço <http://members.nbc.com/igrejacrsto/pedoracao.html>, os cristãos registram os pedidos de oração e no *Religião Católica*¹³ os fiéis podem deixar seus pedidos registrados com uma vela virtual. “Allan Correia Oliveira/desejo a graça do meu filho passar no concurso da Marinha que vai fazer. Agradeço a: Divino Espírito Santo- 19/06” é um dos exemplos de pedidos que ficaram registrados no site.

O site <http://www.theconfessor.co.uk> vai mais longe: ritualiza eletronicamente a confissão, com orações, reflexões, prece final e conselhos bíblicos antes e após o ato confessional. O ritual pode ser seguido pelas setas de ida e volta – o processo é controlado pelo usuário. A vida onírica também pode ser compartilhada e interpretada com a ajuda da Internet. O site *Dreamstop*¹⁴ ajuda os interessados a manter um diário on-line de sonhos, que podem ser compartilhados pela comunidade e analisados em conjunto. A versão brasileira está no Portal do Alto Astral¹⁵, que sugere um “roteiro interativo” para a interpretação de sonhos, com os seguintes campos abertos para que o usuário preencha com texto:

- 1. A descrição do sonho**
- 2. Sentimentos e sensações que ele provocou**
- 3. Fato(s) misterioso(s) que me deixa(m) curioso**
- 4. Sensações ou sentimentos que esse(s) fato(s) provoca(m)**
- 5. A impressão que o sonho deixou**
- 6. A mensagem que ele talvez esteja transmitindo**

¹² <http://www.terra.com.br/padremarcelo/tercobizant.htm>, acesso em agosto 2002.

¹³ <http://www.religiaocatolica.com.br>, acesso em agosto 2002.

¹⁴ <http://www.dreamstop.com>, acesso em agosto 2002.

¹⁵ <http://www.uol.com.br/altoastral>, acesso em agosto 2002.

7. Algo que falta em minha vida e o sonho deve estar compensando

Esta sugestão para a compreensão de sonhos utiliza elementos usados na prática psicanalítica para o mesmo fim, que é o de relacionar o sonho com a vida pessoal e perceber que sensações ele provoca. O atendimento terapêutico on-line também acontece, como no *Psy _Coterapeutas On line* (<http://www.homemdemello.com.br/psicologia/>), que oferece consultas pela Internet há dois anos. A sessão pode ser feita através de *chat* escrito ou com voz e também pelo ICQ (*I seek you*, em português *eu procuro você*), programa de comunicação sincrônica de troca de mensagens instantâneas, MSN (também programa de troca de mensagens simultâneas), chats (bate-papo) no Yahoo, uso de webcam e Skype (programa usado para barateamento de ligações a longa distância) ou aconselhamento (não terapia, frisa o psicólogo), por e-mail. O Núcleo de Psicoterapia Cognitivo-Comportamental (<http://www.npcc.com.br/>) disponibiliza diversos testes que podem ser preenchidos on-line para a avaliação do caso do usuário: terapia para casais, distúrbios alimentares e infanto-juvenis são algumas das especialidades desses terapeutas on-line que, após avaliarem o caso, mandam o e-mail para o usuário, com recomendações.

Essa gama de serviços espirituais e psíquicos mediados por sistemas on-line são efetivos? Podem realmente oferecer ajuda? Terão a mesma credibilidade do contato pessoal? É na busca da resposta para essas perguntas que esperamos contribuir com uma pesquisa que seja relevante no campo das mediações de sistemas eletrônicos automatizados como possíveis substitutos das relações humanas tais como as conhecíamos até a proliferação do uso da Internet.

Metodologia

A pesquisa com os usuários foi veiculada na Porto do Céu, portal de Astrologia hospedado no Terra (<http://portodoceu.terra.com.br>). Essa parceria nos garantiu um bom retorno – 306 questionários respondidos em dez dias (de 29 de junho a 10 de junho de 2001). Os usuários responderam à pesquisa através da internet, em uma página que ficou visível na home do site e que foi enviada aos dois mil assinantes da *newsletter* do portal.

A primeira parte do questionário aplicado aos usuários do mapa astral on-line é dedicada ao conhecimento do público, por isso pedimos preenchimento dos campos com os dados pessoais – nome, idade, sexo e profissão, com espaço para respostas abertas. Estes dados não serão analisados neste artigo. A seguir, temos as perguntas fechadas “Você já consultou um astrólogo?”, para identificarmos se havia o hábito da consulta a um profissional antes do uso do mapa astral on-line e “Costuma ler horóscopo?” com o campo aberto “Onde?”, visando a uma compreensão dos hábitos midiáticos deste público. Com a pergunta “Você costuma consultar oráculos? Quais?”, buscamos também uma maior compreensão do universo pesquisado. As seguintes questões abordam diretamente o mapa astral on-line e assim a construção de como a mediação tecnológica é sentida pelo usuário pode ser entendida. A última parte do questionário, cujas conclusões e resultados que serão apresentados no tópico seguinte, foi formulada para identificarmos os anseios do consulente on-line: “Com que frequência acessa este serviço?, Você gostaria de conversar com o astrólogo que montou o mapa astral on-line? E Agora que você dispõe do mapa astral on-line, pretende consultar um astrólogo?” foram as perguntas utilizadas.

Abaixo, o questionário que foi aplicado:

PESQUISA PORTO DO CÉU

nome

e-mail

profissão

idade

Você já consultou um astrólogo?



sim



não

Você costuma ler horóscopo?

sim não

Onde?

Você costuma consultar oráculos?

sim não

Quais?

O que você acha do mapa astrológico online?

Confiável?

sim não

Divertido

sim não

Superficial

sim não

Desnecessário

sim não

Com que objetivo você acha que uma pessoa consulta o mapa astral online?

Para se conhecer melhor Curiosidade Para se divertir Para saber o que vai acontecer com ela

Como você encontrou esse serviço na rede?

Já consultou outros serviços astrológicos na rede? Quais?

Com que frequência acessa este serviço?

Você gostaria de conversar com o astrólogo que montou o mapa astral online?

sim não

Agora que você dispõe do mapa astral online, pretende consultar um astrólogo?

sim não

Enviar

Limpar

Conclusões

Agora que você dispõe do mapa astral on-line, pretende consultar um astrólogo?

Não parece haver uma oposição entre o uso da Internet e a procura pelo contato pessoal. A maioria dos usuários - 79% - pretende procurar um astrólogo para uma consulta, contra 21% que não pensam nessa possibilidade. Mesmo tendo acesso a este serviço gratuito on-line, ainda há vontade de consultar um profissional no formato tradicional. Apesar das facilidades do mundo on-line, estamos percebendo que a presença humana é uma busca constante.

Você gostaria de conversar com o astrólogo que montou o mapa astral on-line?

A internet estimula a busca por outras relações. A maioria massiva (90%) dos usuários gostaria de conversar com o astrólogo que montou o mapa astral on-line, mostrando que há uma busca expressiva pelo autor do texto e pelo ser humano que está atrás da máquina. Por isso a internet é um potente mediador das relações humanas: a rede não é constituída de máquinas interligadas, mas de pessoas a procura dos seus semelhantes.

O que você acha do mapa astrológico on-line?

Através das respostas a essa pergunta podemos entender de que forma o usuário percebe o mapa astral on-line. Sua credibilidade é firme entre o público e podemos interpretar essa confiabilidade em um sistema automatizado em parte pela dinâmica do meio: é “real”, o usuário acessa o site, preenche os dados e vê surgir um resultado concreto.

A grande maioria acha que as informações do mapa astral on-line são confiáveis, superficiais, divertidas e indispensáveis (ver tabela abaixo). A superficialidade de informação não compromete sua funcionalidade, pois o mapa on-line faz parte da cultura do entretenimento: é lúdico, não exige compromissos, mas não deixa de ser confiável. A Astrologia é associada a um momento de diversão: o Horóscopo sempre foi publicado nos jornais e revistas ao lado de palavras cruzadas, programação de TV e tiras de histórias em quadrinhos bem-humoradas.

	Sim	Não
Confiável	91%	9%
Divertido	84%	16%
Superficial	60%	40%
Desnecessário	16%	84%

Com que objetivo você acha que uma pessoa consulta o mapa astral on-line?

O baixo índice de usuários que procuram o mapa astral on-line em busca do futuro (8%) coincide com a definição de Roberta Tótoro, editora do site Porto do Céu, deste serviço: “o mapa na Internet não é um mapa. Ele é um perfil, a gente coloca mapa porque o desenho é de um mapa astral”. Por ser um perfil, é coerente que seja procurado para o autoconhecimento (77%) e não para a busca de respostas sobre o futuro. O índice de usuários que procuram o mapa on-line por curiosidade não é desprezível: 14%.

A Psicologia está estreitamente ligada com a idéia do autoconhecimento e a popularização desta no século XX propicia a divulgação da concepção da importância do indivíduo em se diferenciar dos outros através do que ele próprio sabe de si mesmo. Outra consequência da divulgação da Psicologia de massa foram os livros de auto-

ajuda. Estes pregam que cada um pode transformar a sua vida, contanto que queira e que conheça um pouco dos seus problemas e as possíveis dinâmicas para a solução dos mesmos. O esoterismo em geral, não só a Astrologia, tomaram partido desse filão e este continua a crescer também na Internet.

A Internet é um meio de comunicação privilegiado em elementos que favorecem uma busca pessoal – tanto científica quanto religiosa, mística ou comportamental. Sites de busca enumeram informações dessas categorias que podem ser tanto portas de entrada para contatos humanos ou meios para a interação com a máquina. A celebração da individualidade na Internet pode ser vista também na forma como nos colocamos na frente do computador: sozinhos e não agrupados como pode acontecer com a televisão, por exemplo, ou na leitura do jornal, quando os cadernos de cada edição podem ser desmembrados e lidos por mais de uma pessoa. A possibilidade dessa solidão ser amenizada pelo contato virtual com uma rede de computadores interligada através do mundo todo pode parecer mesmo uma magia. Quando esses computadores revelam-se quase humanos, com pessoas por detrás deles que ouvem e respondem dúvidas para a resolução de problemas, a Internet acaba sendo um meio realmente importante na vida das pessoas que o utilizam como uma forma de contato comunicacional com o mundo – uma mediação, portanto.

Referências bibliográficas

ABRAMO. A sorte está lançada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 maio. 2001, Folha Informática.p.2.

AUGÉ, Marc. A guerra dos sonhos. Papirus Editora: São Paulo, 1998.

BARBERO, Jesús Martin. Dos meios às mediações. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 1997.

BAUER, Martin & DURANT, John. Belief in Astrology: a social-psychological analysis. Cosmos and Culture, Vol 1, Number 1. London, United Kingdom, 1997.

CASTRO MELO DE, Teresa Mary Pires. A floresta, a mesa e as leis: espaços, comunicação e mudança cultural em comunidade tradicional da Estação Ecológica Juréia-Itatins. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, julho 2000.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1998.

CONTRERA, Malena Segura. O mito na mídia – a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. Annablume: São Paulo, 1996.

COSTA, Cristina. Introdução à ciência da sociedade. Editora Moderna: São Paulo, 1997.

_____. A importância do método interpretativo nas pesquisas em Comunicação. In: Arte e Cultura da América Latina, Revista da Sociedade Científica de Estudos de Arte. São Paulo, Volume VII, Julho 2000.

_____. A milésima segunda noite. Da narrativa mítica à tele novela, análise estética e sociológica. Annablume: São Paulo, 2000.

ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Edições 70: Lisboa, sem data.

_____. O mito do eterno retorno – Cosmo e história. Mercury: São Paulo, 1992.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Imago: Rio de Janeiro, 1997

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

_____. O queijo e os vermes. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos, reflexões. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1995

MORIN, Edgar Morin. Cultura de Massas no Século XX. Volume 1: Neurose. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1997.

_____. Cultura de Massas no Século XX. Volume 1: Necrose. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1997.

NOVA, Vera Casa. Lições de Almanaque, um estudo semiótico. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1996.

PERES, Marcos Flamínio, et al. Signos em rotação. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 agosto. 2001, Mais!.p.5-13.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

TURKLE, Sherry. The Second Self. Computers and the human spirit. Simon & Schuster: New York, 1984.

VILLAS-BOAS, Márcia. Olimpo, a saga dos Deuses. Editora Siciliano: São Paulo, 1994.

VILHENA, Luís Rodolfo. O mundo da astrologia – estudo antropológico. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1990.